

Nesta edição da Cadernos Brasileiros de Saúde Mental destacamos a história única de Crispin Lee, artista plástica e usuária do CAPS, cuja jornada ressalta a conexão entre expressão artística, saúde mental e inclusão social. Ao invés de apenas admirar as obras de Crispin, convidamos você a explorar o impacto da arte na construção do bem-estar emocional e no caminho para a recuperação como abordados pelas autoras do trabalho a seguir.

A EXPRESSÃO NO REENCONTRO COM O MUNDO DA VIDA

Crispin Lee (Artista Plástica, usuária do CAPS)

Maria de Nazareth R. M. O. Silva (Terapeuta Ocupacional, Coordenadora do grupo FOCO, Docente da Universidade de Brasília)

Larissa Raiza Costa Carneiro (Psicóloga da Universidade federal do Pará, Extensionista do Grupo FOCO)

Amanda de carvalho Ibiapina (Terapeuta Ocupacional da Universidade de Brasília, Extensionista do Grupo FOCO)

Este trabalho tem como objetivo apresentar, por meio de três expressões artísticas, o percurso desenvolvido para o encontro com o lado de fora, com outros e a possibilidade do trânsito, que sai do institucional para o mundo da vida de uma usuária de um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS).

É importante destacar aspectos relevantes sobre o percurso de Crispim Lee – pseudônimo utilizado por Cristina, que possui uma habilidade com expressão da pintura, mas que vivencia dificuldades psicossociais para divulgar sua arte, como por exemplo interagir e divulgá-la socialmente. Além disso, foi destacado neste texto as estratégias desenvolvidas realizadas facilitaram sua mediação neste contexto, qual seja o meio social e as mídias de massa.

Não se trata de apresentar neste trabalho a significação das suas obras, pois elas por si só são representações de sua subjetividade, seu sofrimento psíquico e sua interação interpessoal. Mas sim, discorrer sobre a estratégia de aproximação de uma demanda real da pessoa, qual seja: poder divulgar sua obra e sentir-se reconhecida pela sua habilidade e consequentemente pela sua forma de estar no mundo.

Portanto, a proposta deste trabalho refere-se em relatar uma experiência exitosa de cuidado, que ao longo do tempo, considera-se como investimentos para uma prática voltada

para Recovery, de reencontro autônomo aos processos de inclusão social e processo de reconhecimento e cidadania.

Pois, ao suscitar a produção de autonomia e empoderamento do sujeito, o mesmo passa a redescobrir-se em sua própria subjetividade, podendo assim, ressignificar seu contato com o mundo externo, de modo a recuperar seus laços com o interior/exterior, ou seja, o processo intrapessoal/interpessoal, de modo a promover o reconhecimento de si para busca do outro e da coletividade.

Sobre Crispin Lee e sua arte

Crispin Lee se interessou por desenho aos 5 anos de idade, quando ao perder o sono, acendia uma vela e desenhava escondido. Realizou seu grande desejo em 2008 quando passou no vestibular de artes em uma universidade federal. Paralelamente ao curso, vivenciou crises emocionais e passou a ser atendida pela escola de psicologia da universidade. Formou-se em 2013 e desde então realiza acompanhamento em um CAPS da mesma cidade.

Saindo da faculdade observou-se sua dificuldade em dar aulas e decidiu que iria se dedicar totalmente a pintura. Para isso, realizou diversos cursos de pequena duração em uma fundação de cultura de sua cidade. Apesar de considerar que todo o conhecimento aprendido foi devido aos ensinamentos adquiridos nesta fundação e que se sentia realizada com sua habilidade, não conseguia divulgar sua obra em público, e, portanto, não conseguia vendê-la, aspectos desejados pela mesma.

Tal adversidade, decorre tanto de sua dificuldade comunicacional, como pelo fato de sua região não apresentar reconhecimento significativo do trabalho artístico, reforçado ainda pelos danos ocasionados pelo tratamento psiquiátrico por sete anos. Neste sentido, Crispin Lee foi desistindo de divulgá-las ou vendê-las.

Apesar de todas as dificuldades, foi motivada por esta fundação para participar de concursos sobre artes e ganhou em 2016 dois prêmios em dinheiro, que investiu em um atelier em sua casa.

Crispin Lee Participa desde 2013 das atividades do CAPS, reside com sua mãe, na qual refere problemas de convivência, afirmando que a mesma também apresenta transtornos mentais e sempre se mostra muito reativa com ela. Refere experiência de escuta de vozes, de duas formas: (1) boas, que lhe incentivam e oferecem orientações sobre técnica artística; e (2) ruins, que depreciam sua imagem e sua produção artística, chamando-a de inútil, entre outras coisas.

Inicialmente, fazia quadro de imagem de pessoas e chegou a vender alguns. Mas quando seu quadro foi negado por uma cliente, que considerou sua foto distante da pintura, sentiu-se desacreditada e desmotivada, mostrando-se nestes momentos, sentimento de frustração e comportamento reativo, impulsivo e agressivo.

O trabalho com as telas mostrou-se como um espaço de expressão e relaxamento de tudo e todos que a rodeiam. Em qualquer situação, em vivência das vozes, conflitos de relacionamento familiar ou mesmo problemas clínico de saúde a pintura tornou-se uma estratégia de alívio, relaxamento e terapia, auxiliando na sua saúde mental.

Suas principais inspirações são Van Gogh, Caravajo, Picasso, Vick Muniz e acredita que tudo que aprendeu com a tinta aquarela, tinta óleo, entre outras técnicas artísticas foi pelos mentores da fundação de cultura de sua cidade. Além disso, acredita que as vozes têm grande impacto no seu trabalho, ajudando a pintar, a desenvolver suas técnicas, especialmente a voz de um pintor, no qual a ajudou a aprimorar suas técnicas ao pintar retratos.

Crispin Lee refere que em certo momento de sua vida estava pensando em cometer suicídio quando a voz do pintor apareceu e começou a ajudá-la. Por ser muito exigente, o Pintor lhe mostrava onde estavam os erros de luz e sombra, quais cores utilizar, onde melhorar, quais técnicas utilizar para obter o resultado desejado, considera seus comandos de muito perfeccionismo. Alguns dos retratos produzidos demoram meses para ficarem prontos.

Nos conhecemos em um grupo de ouvintes de vozes durante quase dois anos. Neste espaço Crispin Lee foi participativa com narrativas sobre suas vozes e a influência no seu cotidiano. Neste espaço também foi de diversas reações, algumas vezes explosivas, voltadas pelos seus próprios contextos narrativos. Neste período, fazia artesanato de terço e colar de miçangas para vender, mas observava que mais doava que vendia, demonstrando sua disponibilidade a outros, por exemplo nos encontros grupais com outros ouvintes de vozes, a mesma sempre levava um livro, uma revista para suas colegas, ou mesmo incentivava para o contato com as artes.

Em uma ocasião, conversando apenas comigo falou de sua historicidade da vivência com a arte, frustração pela sua dificuldade de se sentir reconhecida como uma artista e poder fazer o uso da sua arte como renda.

Neste momento, percebi a real demanda de Crispin Lee, pois ela convivia com suas vozes (e seu sofrimento psíquico), a gerência dos domínios ocupacionais, mas apesar disso, não se sentia reconhecida e sentia-se desmotivada a reconhecer-se neste papel social, apesar de desejar muito.

O Som das Tintas

O som das tintas foi um espaço construído por alunas de extensão do Projeto FOCO – Fenomenologia e Cotidiano, com bolsistas voluntárias da Universidade de Brasília e Universidade Federal do Pará, e teve como objetivo construirmos de forma coletiva a viabilização/exposição da produção artística de Crispin Lee, e assim promover a vivência sobre sua interação interpessoal e com mundo da vida.

O projeto FOCO – Fenomenologia e Cotidiano é um projeto de extensão da Universidade de Brasília, iniciou em 2020, com estudantes de diversos cursos da saúde, realizado em uma associação de usuários da saúde mental do Distrito Federal, com objetivo de desenvolver ações para compreender os modos de expressão do cotidiano de pessoas em sofrimento psíquico grave, por meio de estratégias inovadoras de Recovery, como por exemplo, grupos de ouvintes de vozes, de suporte e ajuda mútua, e enfoque na saúde funcional e narrativa da vivência.

Desde março de 2020, com o início do período da pandemia da COVID 19 as atividades do FOCO passaram a ser em ambiente virtual em parceria com terapeuta ocupacional de um CAPS do Distrito Federal. Mas, para Crispin Lee no CAPS da sua cidade as atividades foram suspensas impossibilitando que participasse das atividades que realizava neste serviço, e criando mais problemas de conflitos entre os membros da família. Com isso, motivada por mim e duas bolsistas, concordou em criarmos o *Som das Tintas* (nome criado pela mesma) nas redes sociais, como WhatsApp, Instagram e Facebook.

O primeiro grupo foi o WhatsApp com os envolvidos, na qual Crispin Lee apresentava sua produção artísticas e fazia a narrativa sobre sua historicidade e vivências. Além disso, neste espaço conversávamos sobre as etapas e sugeríamos e aprovávamos ideias, entre outros.

A partir do conteúdo levantado foi construído um material em formato de vídeo, um catálogo de exposição da obra para divulgação/divulgação e venda nas redes sociais, como: no Instagram (@som_das_tintas) e no Facebook (<https://www.facebook.com/O-som-das-tintas-e-suas-vertentes-111623407270969>).

Observou-se que na rede Facebook Crispin Lee passou a divulgar sua obra e o processo de confecção. Mostrava-se mais, opinava, socializava reflexões sobre questões sociais que nos rodeiam.

Em dado momento, neste período informa nesses espaços a venda de uma de suas obras. Mostra-se entusiasmada e postura de não acreditar nesta possibilidade. Em outro momento convidamos a apresentar o material organizado em um minicurso sobre ouvintes de vozes na semana universitária, mas num primeiro momento aceitou, porém no momento, acreditamos que por problema de conexão, não conseguiu participar, e felizmente este fato não comprometeu sua motivação.

Crispin Lee continua pintando, buscando sempre aprender novas técnicas, neste momento desenvolve a técnica da aquarela botânica, com desenhos sobre paisagens, animais às pessoas que vê no jornal ou conhecidos. Quando apresentado a chamada para publicação nesta revista elegeu entre diversas produções três apresentados a seguir (Figura 1 e 2).



Figura 1. Telas a óleo tamanho 40X50 cm.

Na figura 1 intitulada *a passagem do retrato para o abstrato* são duas telas pintada com tinta óleo, no tamanho 40X50 cm cada uma, e que foi narrado como uma expressão de desejo de estar nos corais de Búzios que sempre via pela televisão, onde aquela água azul turquesa, não é verde, mas também não é azul. Considera que a pintura abstrata possibilita que cada um observe individualmente, portanto, um processo libertador pra sim mesmo. Pois, para Crispin Lee quando alguém pede para pintar isso ou aquilo, não sabe o que vai sair ou

mesmo se conseguirá pintar. Mas, neste caso, não há preocupação com o resultado, o produto final, e finalmente pode seguir seu desejo, sua intuição e sentimento.



Figura 2. Tela pintada em acrílica

A Figura 2 é uma tela pintada em tinta acrílica, no tamanho 40X40 cm, intitulada *estão me olhando*, representando o desejo de fazer um quadro abstrato, mas os rostos que poderia pintar estão lá me olhando, apreensivo de existirem ou não. Considera que são suas vozes, que lhe observam e que estão por toda a parte, mas que reproduzem também os olhos do mundo sobre cada um.

Considerações Finais

Crispin Lee mostra-se uma pessoa intensa que expressa seus sentimentos e vivências por meio de sua habilidade e sensibilidade de produzir arte.

Compreende-se que esse processo é o que a integra com o mundo externo e que possibilitará tornar-se reconhecida e desvelar-se para uma vivência de sentimentos e emoções de produções para saúde mental.

Neste cotidiano inovador, que a aproxima das habilidades e distancia do circuito institucional, resulta na expressão do mundo da vida, que se une pela vivência singular, a partir de processos coletivos, nos quais, por essência produz sentidos e significados.